

TV A CABO

USOS DISTINTOS DE UM MESMO PRODUTO

VALÉRIO BRITTOS

1. Algo novo no ar

De uns três anos para cá, os observadores mais atentos puderam verificar algo de novo no ar da cidade de porte médio gaúcha de Pelotas, distante 259 quilômetros da capital Porto Alegre. As mudanças, aparentemente, resumiam-se a novos fios que se somavam aos já existentes da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e aos da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR). Mas o novo cabo que era estendido entre um poste e outro já existente traria uma Nova Tecnologia de Comunicação para os lares e as vidas dos pelotenses que adeririam ao sistema. Era a chegada ao Município do serviço denominado Distribuição de Sinais de TV por Meios Físicos (DISTV). Ou da TV a cabo, como o sistema é conhecido por todos.

Foi com o intuito de fazer-se uma primeira aproximação desta realidade que se produziu este trabalho. A TV a cabo e toda a terceira geração de meios de comunicação ainda são pouco analisados no País por pesquisadores de Comunicação. Embora a TV a cabo, a antena parabólica, o videocassete e o computador já integrem a vida de vários setores da população, os estudos envolvendo Comunicação e Cultura, no Brasil, em sua maior parte ainda abordam somente as questões provocadas pelos meios tradicionais (FADUL, 1986).

O presente estudo buscou descobrir, principalmente, se as pessoas que passaram a assinar o sistema de TV a cabo aumentaram ou não seu tempo de exposição à tela. Partiu-se da idéia de que a chegada do cabo, evidentemente descontando-se a euforia inicial que representa qualquer inovação, não significa um maior tempo diante da televisão, por parte do telespectador. O cabo representa uma melhor possibilidade de escolha da programação, diante das necessidades do usuário (SAPERAS, 1992).

Com esta motivação, realizou-se entrevistas em profundidade

com três famílias pelotenses, cada uma, num primeiro momento, apontando situações de vida diferenciadas. A primeira família (Caso A) era composta de dois únicos membros, a mãe, viúva, 56 anos, professora universitária de Educação Física aposentada, e a filha, solteira, 19 anos, estudante de Direito. A segunda família (Caso B) era mais numerosa, com sete integrantes, o pai, médico, 38 anos, a esposa, nutricionista, 40 anos, e as cinco filhas, de quatro, 10, 11, 13 e 15 anos, as últimas quatro estudantes. A terceira família (Caso C) entrevistada tinha três componentes, o pai, professor de Matemática e proprietário de curso pré-universitário, 52 anos, a esposa, professora de Inglês, 44 anos, e o filho, estudante, 15 anos.

As entrevistas foram realizadas com a família reunida, de forma que as perguntas, mesmo individualizadas, pudessem ter suas respostas debatidas, quando era o caso, entre todos, ocasiões em que foi possível colher-se informações das mais ricas. Como, as perguntas propunham respostas abertas, daí a possibilidade da troca de posições entre os entrevistados, na terceira parte dos encontros.

Na primeira parte da entrevista perseguiu-se dados gerais sobre a casa onde se estava. Imediatamente questionou-se dados específicos sobre cada entrevistado: nome, idade, sexo, escolaridade, profissão, grau de parentesco com os demais membros da residência e domínio de quais línguas estrangeiras. No momento final e mais duradouro partiu-se para as perguntas efetivas sobre o impacto da TV a cabo.

A escolha sobre as três famílias foi baseada na presunção inicial de que elas representavam situações específicas e diferenciadas umas das outras. Não foi levado em consideração, por pouco importar ao objeto de estudo - o impacto da tecnologia TV a cabo em si - se os entrevistados eram assinantes de uma ou outra empresa que atua no Município. Com cerca de 30 canais, qualquer sistema de cabo oferece uma ampla possibilidade de programação, principalmente em Pelotas, onde, anteriormente, só eram captadas as emissoras locais RBS TV e TV Pampa Sul e as de Porto Alegre TV Bandeirantes e TVE, estas duas com qualidade de sinal muito fraca.

2. Pouca produção, dois cabos

Pelotas (RS), com 290.660 habitantes e 40 mil desempregados (SINE) não é o que se costuma chamar de um Município progressista. A Cidade já viveu tempos de glória, de apogeu econômico e cultural. Foi quando a economia era baseada predominantemente na produção

e comercialização do charque, o que permitia recursos suficientes para que as famílias abastadas propiciassem que seus filhos estudassem na Europa, enquanto que os que aqui permaneciam assistiam aos principais espetáculos teatrais do País e do exterior (MAGALHÃES,1981). Muitas vezes as companhias passavam unicamente em Buenos Aires e Pelotas, sem apresentar-se em Porto Alegre. Hoje, a economia agrícola e a pouco avançada indústria da alimentação não dão conta de garantir níveis de emprego e de renda satisfatórios, problemas agravados com a diminuição de alíquotas de importação de produtos alimentícios oriundos de outros países do futuro Mercosul, que chegam ao Brasil com maior qualidade e com preços mais competitivos. Os esforços do atual Governo Municipal, entre os quais contatar com empresas para se instalarem em Pelotas, não podem ser sentidos a curto prazo.

Mesmo diante deste quadro, a Cidade conta com duas empresas distribuidoras de sinal de televisão via cabo. A primeira montada foi a STV Comunicações Ltda, ou simplesmente Pansat, inaugurada em 17 de setembro de 1991 como uma franqueada da caxiense SDM Ltda e, desde janeiro de 1993, operando fora do sistema de franquias sob a razão social de STV Comunicações S/A. O primeiro ponto de sinal de cabo foi instalado em 15 de junho de 1992. O grupo inicialmente franqueado e hoje majoritário da STV é o Sinuelo, uma empresa pelotense que há mais de 18 anos atua com construção de rede elétrica, telefonia e outras prestações de serviços da mesma espécie.

A segunda operadora do sistema de TV a cabo no Município foi a DR Empresa de Distribuição e Recepção de TV Ltda, mais conhecida como Net Pelotas, resultado de uma associação entre os grupos Globo, Multicanal e RBS, este último um tradicional conglomerado de comunicação com liderança nas mídias jornal, rádio e televisão no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Inaugurada em 25 de novembro de 1993, menos de trinta dias depois, em 20 de dezembro do mesmo ano, o primeiro assinante da Net já recebia o sinal do cabo em sua residência.

A Pansat Pelotas distribui um total de 28 canais a seus assinantes, enquanto que a Net oferece as opções Super Basic, com 21 canais e Premium, com 30 canais. Os preços equivalem-se, tanto na taxa de instalação do sistema, R\$ 70,00, quanto no valor da mensalidade, R\$ 25,00, para o ponto principal, ressaltando-se que o pacote Super Basic da Net tem um preço mensal reduzido de R\$

17,00. Apesar da crise econômica do país e específica do Município, as duas empresas não reclamam do movimento de comercialização. Patrícia Martins, gerente da Pansat, diz que as vendas mantêm-se num nível bastante satisfatório.¹ A Net vai mais longe. Mauro Vasquez, supervisor de vendas da empresa, afirma que a Net Pelotas é a primeira em taxa de penetração no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, embora seja a única que enfrente concorrência. Os dois grupos negociam uma possível associação.²

3. Tudo ou nada

A relação com a TV a cabo é variada. No Caso A, a professora aposentada garante que assinou o sistema mais por desejo da filha. Ela continua assistindo televisão durante o mesmo período e nos mesmos horários anteriores, basicamente durante o almoço e à noite, mantendo a média de sete horas por dia. Entretanto, antes da chegada do cabo suas opções não iam além do Jornal do Almoço, do Jornal Nacional, das novelas e filmes globais, todos programas transmitidos pela RBS TV, e do Jô Soares Onze e Meia e do Programa Silvio Santos, da TV Pampa Sul. Hoje, ela permanece assistindo a esses mesmos programas, com algumas alterações, incluindo filmes dos canais exclusivos HBO e TNT e da Bandeirantes, bem como alguns documentários da TVE carioca e da TVE gaúcha. Essa nova programação é assistida durante o horário nobre da linha de filmes e shows da Globo e aos domingos. "Nunca tive o hábito de assistir televisão pela manhã, à tarde ou durante as madrugadas. Para mim, a TV, a cabo ou convencional, deve encaixar-se em minha rotina de vida", explica.

A filha adolescente, do Caso A, assiste mais televisão que sua mãe. Ela diz que sempre gostou de assistir TV nos horários mais variados, incluindo os mesmos de sua mãe, além de à tarde e em algumas madrugadas, resultando em cerca de 10 horas diárias diante do vídeo. Quando não possuía o cabo em casa, ela acompanhava os mesmos programas que sua mãe, além do Vale a Pena Ver de Novo, a Sessão da Tarde e alguns filmes da madrugada, na RBS TV, bem como o Programa Livre, da Pampa, embora mantivesse as 10 horas de TV por dia. Com o cabo, o menu varia um pouco. O Jornal do Almoço, o Jornal Nacional e as novelas globais continuam nele, mas a grande estrela é mesmo a MTV. À noite, os canais HBO e TNT,

1 Conforme entrevista com a gerente da empresa, realizada em julho de 1994.

2 Conforme entrevista com o supervisor de vendas da empresa, realizada em julho de 1994.

ao lado dos filmes da Bandeirantes, têm sua oportunidade.

As duas continuam assistindo televisão juntas nos mesmos horários que anteriormente, no horário de almoço e entre 19 e uma hora, quando vêem telejornais, novelas e filmes, basicamente. A MTV fica mais para a tarde, quando a adolescente costuma reunir amigas para conferir os clips, entre pipocas, chocolates, refrigerantes, conversas e telefonemas. Embora possuam cinco aparelhos de televisão em casa, na sala, na cozinha, no quarto de cada uma e em um quarto de hóspedes, o sinal do cabo só é recebido em um ponto, na sala, o que contribuiu para seguirem vendo TV durante tanto tempo juntas. Como a programação básica a ser assistida já está pré-definida, telejornais, novelas e filmes, não há conflitos na hora de escolha dos produtos televisivos. Os vídeos que eram retirados de locadoras, dois por semana, nunca mais foram trazidos para casa. Os hábitos culturais e sociais da família não mudaram. A mãe mantém-se somente visitando amigos e familiares, sem sair à noite. Já a adolescente segue freqüentando o cinema uma vez por semana e as mesmas festas. Elas admitem que o cabo proporciona um maior número de informações, o que ajuda nas conversas. "Com o cabo eu não me sinto diferente, mais igual às outras, pois minhas amigas também têm", resume a estudante. As duas não dominam línguas estrangeiras.

No Caso B, o médico é o que mais gosta da nova tecnologia. Antes ele assistia o Jornal do Almoço, o Jornal Nacional, a novela global das 20h30min, a linha de filmes e shows da Globo das 21h30min, o Jô Soares Onze e Meia e os filmes da madrugada transmitidos pela RBS TV, além da programação esportiva da Bandeirantes, aos domingos. "Umas seis horas por dia de televisão", afirma, referindo a antes e depois do cabo. Hoje ele prefere os filmes da HBO, na maior parte do tempo, ao lado do programa esportivo Cartão Verde e do jornalístico Roda Viva, na Cultura, e de conferir seu espanhol na TV E da Espanha. O Jornal do Almoço e o Jornal Nacional ainda são assistidos, mas a novela e o Jô Soares Onze e Meia não, já que, segundo o médico, eram vistos mais por falta de opção. "Não assisto aos mesmos programas, mas o tempo que vejo TV é o mesmo", pondera.

Sua mulher não alterou tanto o que assiste na TV. Ela preferia, antes da chegada da TV a cabo, o Jornal do Almoço, o Jornal Nacional, o Jô Soares Onze e Meia, todas as novelas globais noturnas, o Programa Silvio Santos e programas como Hebe e Viva

a Noite (hoje Sabadão Sertanejo), do SBT, assistindo TV cerca de cinco horas diariamente. Atualmente suas opções não são muito diferentes, incluindo os mesmos programas intercalados com a novela Éramos Seis, do SBT, o Clodovil Abre o Jogo, da CNT, o Gente de Expressão, da Manchete e filmes da HBO "muito raramente". Para ela, que assiste hoje TV durante as mesmas cinco horas por dia, o cabo representou mais a melhoria da qualidade do sinal, já que a própria TV Pampa Sul, que em Pelotas transmite o SBT, apresenta uma imagem muitas vezes distorcida. Embora domine o espanhol, ela não assiste aos canais internacionais.

A filha mais velha pouco envolve-se com o cabo, pois costuma dormir e passar a maior parte do tempo na casa de sua avó, onde não há o sistema. Nos finais de semana, quando fica na casa dos pais, sai muito com amigas ou assiste aos canais convencionais.

A filha de 13 anos sempre estudou à tarde. Antes do cabo, ela assistia o Xou da Xuxa, pela manhã, na RBS TV, às novelas globais à noite e a alguns filmes e shows com o pai. Hoje ela não assiste televisão pela manhã, vê as mesmas novelas, além da do SBT, Éramos Seis, a série Anos Incríveis, pela Cultura, e muitos filmes da HBO com o pai. "Eu compensei a manhã pela noite e acho que sigo vendo TV umas oito horas por dia". Com relação a outros hábitos, ela acredita que o cabo não influenciou. "Pelo contrário, antes eu tinha pouca idade e, por isso, quase não saía. Agora sempre tem alguma festa, aniversário para ir", comenta.

A família possui quatro aparelhos de televisão, um na sala, outro no quarto do casal, um terceiro no quarto das duas filhas mais velhas e o último onde dormem as três filhas menores. Os pontos de recepção do cabo são três, só não havendo no quarto das três filhas com menos idade. Os conflitos diante da TV quase não ocorrem. O pai, em regra, assiste seus programas preferidos no aparelho da sala, muitas vezes acompanhado da filha de 13 anos. Ela também tem a opção de assistir sozinha em seu quarto, pois a irmã mais velha só dorme em casa nos finais de semana, daí gerando pouca possibilidade de contrariedade. A mãe vê televisão mais em seu quarto, mas, quando as três filhas menores, que não têm cabo no quarto, querem assistir a um programa diferenciado, à noite, ela abre mão para que elas vejam o que querem.

O hábito da família reunida ao redor da televisão nunca foi dos mais fortes entre eles. O que mais ocorria e continua ocorrendo é o casal assistir junto ao Jornal do Almoço e o Jornal Nacional, ou o pai

e a filha de 13 anos assistirem filmes conjuntamente. Já na prática de retirada de vídeos de locadoras aconteceram mudanças. Antes, eram quatro por semana, em média. Depois da chegada do cabo, nunca mais entraram em qualquer locadora. O casal não costuma sair para eventos culturais e sociais, mas anteriormente também não saía. As três filhas menores não saem sozinhas, mas seguem brincando com as amigas da escola e da vizinhança. O cinema sempre foi uma opção ocasional, em momentos de lançamentos de filmes. Hoje eles ainda vão assistir lançamentos no cinema, o casal ou todos juntos. Todos acham o cabo uma grande opção cultural.

A filha de 11 anos não é das que mais prefere TV. Antes ela até assistia mais televisão, porque gostava de desenhos. Ela via parte do Xou da Xuxa e as novelas da Globo das 18 e das 19 horas. Hoje não vê mais desenhos, mas segue assistindo às novelas, inclusive a das 20h30min, embora muitas vezes abandone a televisão durante o horário para realizar as tarefas da escola. Até o Programa Silvio Santos já foi mais assistido por ela. A estudante crê que vê televisão durante três horas por dia, enquanto antes permanecia diante do vídeo ao redor de cinco horas. Ela, assim como as demais irmãs, é pouco iniciada em línguas estrangeiras. Por isso, os canais internacionais despertam pouca atenção, geralmente.

Para a filha de 10 anos a chegada do cabo significou uma maior possibilidade de assistir desenhos animados em emissoras diferentes da RBS TV e da TV Pampa Sul. Antes ela via o Xou da Xuxa e os programas infantis do SBT pela manhã. Hoje ela continua assistindo parte da programação infantil da Globo e do SBT (TV Colosso, Bom Dia com Eliana e o Programa Sérgio Mallandro). No entanto, ela divide-se também entre os programas para crianças da Manchete (DudAlegria) e os desenhos animados da Cartoon Network. Aliás, a Cartoon é a única emissora internacional que é assistida pelas filhas; duas delas, a de 10 e a de quatro anos, sintonizam o canal. A emissora transmite parte da programação dublada em português e parte em inglês. "Mas dá para entender tudo mesmo sem falar inglês", explica a estudante. À noite ela assiste às novelas, num total de cerca de oito horas diárias de exposição à televisão, o mesmo período anterior ao cabo.

A filha menor, de quatro anos, é quem mais aproveita o cabo, segundo a mãe e todos os demais membros da família. Ela mesma não esquece o nome de um de seus programas preferidos, o Castelo Rá-Tim-Bum. Como não estuda, passa quase todo o dia assistindo

televisão, em busca de desenhos animados, em canais nacionais e internacionais. Não entende as línguas, mas compreende a ação dos personagens de animação. Ela também brinca, mas via de regra em frente à televisão, muitas vezes acompanhada de amiguinhas. A menina pede para o pai sintonizar no canal de desenhos e mostra para o entrevistador sua emissora preferida. "Aí é bom", diz, referindo-se à Cartoon. Antes do cabo ela não assistia tanta televisão à tarde, momento em que as opções de desenhos nas emissoras convencionais não são tantas. Ela é a única da família que aumentou seu tempo diante da TV: passou de quatro para oito horas por dia.

O Caso C apresenta diferenças em relação às demais. O pai é um verdadeiro aficionado por televisão. Embora dê aulas em Pelotas e em Porto Alegre, o que implica em tempo de deslocamento, ele diz que ainda dá tempo para assistir cerca de seis horas diárias de televisão, alguns dias mais e outros menos. Sábados e domingos ele vê ao redor de 12 horas por dia, incluindo os canais do cabo e os vídeos de locadoras. Antes ele retirava "mais de 10 vídeos por fim de semana" e hoje "não passa de cinco". O professor assegura que antes do cabo também assistia ao mesmo tempo de televisão. "Eu via o esporte da Bandeirantes, o Silvio Santos e os filmes da madrugada da Globo, além do Jornal Nacional, o Jô Soares Onze e Meia e o Fantástico. Hoje eu vejo tudo isso, mas só as partes que me interessam. O controle remoto funciona e eu não assisto comercial, com exceção dos da TV Colômbia, que são os melhores", analisa. Ele vê filmes na TNT e na HBO, futebol norte-americano e basquete na ESPN, desenhos na Cartoon, Fórmula Indy na Manchete e desfiles de moda na CNN e na Superstation. Com o conhecimento parcial do inglês e do espanhol, ele pondera que sempre assiste um pouco dos outros canais e, quando nenhuma emissora apresenta um programa que considere bom, vê vídeos de locadoras.

A esposa é o oposto, não gosta de televisão e mantém-se assistindo no máximo duas horas por dia. Ela vê parte do Jornal do Almoço, parte do Jornal Nacional e às vezes a novela das 20h30min, todos programas da Rede Globo. Os demais canais são desprezados por ela, que, mesmo sendo professora de inglês, também não demonstra interesse pelos canais norte-americanos. "Para não dizer que eu nunca assisti a um canal de filmes, uma vez fiquei doente e vi a Showtime, que agora é HBO", ressalta.

O único filho segue o exemplo do pai e assiste cerca de dez horas diárias de TV, o mesmo tempo que via televisão antes do cabo.

Anteriormente, ele assistia a Globo durante todo o dia e a Bandeirantes no domingo, devido à programação esportiva. Hoje ele ainda vê as novelas globais, o Globo Esporte e parte do Show do Esporte que a Bandeirantes exhibe aos domingos. Mas sua principal opção é pela ESPN, que transmite todo o tipo de esporte durante 24 horas por dia. Ele estuda inglês, mas prefere o canal da ESPN que transmite em português.

Eles possuem três aparelhos de televisão em casa, na sala e em dois quartos e pontos do cabo nos quartos, enquanto aguardam que um ponto da Net seja instalado na sala. O cabo não alterou os hábitos culturais e sociais da família. A mãe e o filho seguem sem ir ao cinema, enquanto o pai vai, quando tem tempo, num intervalo entre uma aula e outra, em Porto Alegre. O filho sai pouco de casa, a menos que seja para assistir jogos de futebol. Já o casal sai para jantar em restaurantes com bastante intensidade. "Até estamos jantando mais fora, mas é porque a condição econômica melhorou", sintetiza o professor. Os conflitos sobre o que ver na TV praticamente não existiam e seguem não existindo. O filho assiste no seu quarto, o pai no seu e a mãe quase não vê, sendo que, quando ela deseja ver uma novela e o marido está assistindo filmes, vai para a sala. O problema é que, em geral, ela quer dormir e ele vê TV até a madrugada. Ou então ela tem que ficar na sala sozinha para ler suas revistas ou telefonar para amigas. O pai considera-se enriquecido com a TV a cabo, a qual, segundo ele, lhe dá uma visão mais abrangente.

4. Um cabo, vários usos

A audiência dos produtos ofertados pela TV a cabo, assim como de outras mídias, é ativa. Desta forma, os usuários usam a inovação de acordo com suas expectativas prévias (SAPERAS, op.cit.), tanto que em uma mesma casa convivem uma pessoa que consome o máximo que pode do cabo, dentro de suas limitações de tempo, com outra que praticamente ignora a nova tecnologia, como é o caso do professor de Matemática e sua esposa, a professora de Inglês. Esta posição dos consumidores do cabo, de assistirem aos novos canais de acordo com suas necessidades, fica clara em todas as entrevistas, tanto que a menina de quatro anos procura insistentemente desenhos animados em vários canais, inclusive internacionais, mesmo não conhecendo outras línguas. Da mesma maneira a adolescente de 19 anos procura a MTV, de acordo com o seu universo e referências,

enquanto sua mãe, viúva, procura satisfazer-se com novelas e filmes.

Os usos das Novas Tecnologias de Comunicação não são homogêneos (FADUL, op.cit.). A garota de 11 anos assiste pouco TV, seja ela convencional ou a cabo. Mas o garoto de 15 anos não deixa de buscar, freneticamente, programas esportivos na norte-americana ESPN. Uma tecnologia só se potencializa com seu uso, que, no caso do cabo, continua restrito no Brasil. Também os produtos culturais só podem ser considerados acabados quando consumidos, o que explica as constantes trocas de canais oferecidos pelas empresas de cabo.

Neste processo de uso da nova tecnologia desde que proporcione ao consumidor uma gratificação, verifica-se que o tempo de exposição à televisão não cresceu após a chegada da televisão a cabo, com exceção da menina de quatro anos, que antes não encontrava desenhos animados na parte da tarde e hoje pode achá-los em emissoras que antes não recebia em casa. Este caso até confirma a idéia já exposta, pois ela só assiste mais televisão porque finalmente encontrou produtos que vêm ao encontro de suas necessidades. Os demais entrevistados encontravam antes, bem ou mal, suas preferências em canais convencionais, mesmo que fossem filmes repetidos, daí não terem passado a assistir TV por um período de tempo mais longo. A menina de 11 anos hoje vê menos televisão, embora tenha mais opções, porque a TV já não lhe traz mais tantas gratificações - os desenhos animados.

Com uma tecnologia dentro de casa típica da Terceira Onda assinalada por Alvin Toffler, os entrevistados e o processo apresentam características descritas pelo autor. Por um lado, a TV a cabo simboliza uma sociosfera desmassificada (TOFFLER,1992), tendo seus usuários a possibilidade de uma verdadeira superescolha (TOFFLER,1970). Mesmo assim, verifica-se, entre os consultados, em regra, uma preferência pelos canais convencionais, na maior parte do tempo, o que implica numa opção por produtos massificados e que são ofertados - e posteriormente escolhidos - para qualquer consumidor médio do território nacional. Os produtos diferenciados são escolhidos em ocasiões especiais. Também são escolhidos por aqueles que têm um anseio por um tipo especial de programação, como são os casos dos canais de esportes, de clips musicais ou de filmes.

Embora o conhecimento represente mudança e tenha um valor cada vez mais elevado na sociedade (TOFFLER,1970), e mesmo que

os entrevistados, em sua maior parte, reconheçam a quantidade e a importância das informações veiculadas por muitos dos canais internacionais, eles praticamente não fazem uso da NTC para aumentarem seus conhecimentos em línguas estrangeiras ou para conhecerem mais sobre o mundo, através de noticiários e documentários. As exceções são o médico, que treina seu espanhol na TVE da Espanha, e a professora aposentada, que assiste documentários, mas assim mesmo somente em emissoras nacionais. O professor de Matemática vê canais internacionais, mas ele assiste tudo o que pode na televisão. Mais uma vez: o cabo representa a possibilidade de assistir aquilo que traz gratificação ao usuário, e só.

Não há como deixar de voltar e analisar a família composta do professor de curso pré-universitário, da professora de Inglês e do filho estudante. Pelas falas dos três, percebe-se o eterno conflito que representa a televisão na vida deles. "Para mim, eliminaria todas as televisões que existem dentro de casa", assegura a mãe, acrescentando que não está exagerando. Ela continua: "Prefiro bordar, telefonar, arrumar qualquer outra coisa para fazer que não envolva televisão". É como se os três, principalmente o casal, vivessem envolvidos numa eterna luta diante da tecnologia, como se o lar representasse a disputa entre a Segunda e a Terceira Ondas (TOFFLER, 1992). Ele "devora" televisão, ela "devora" mídia impressa, envolvendo jornais e revistas.

As famílias entrevistadas demonstram, ainda, que a TV a cabo é uma tecnologia que já se integrou à vida de um setor da sociedade de Pelotas. A inovação não serve para diferenciar quem possui, mas para igualar seu consumidor a seus pares, que também dispõem da NTC dentro de casa.

BIBLIOGRAFIA

- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. Grijalbo, México, 1989.
- Dossiê Caso "TV a Cabo"**, Volume I. Documento Básico, produzido pela Secretaria Executiva do Fórum Nacional Pela Democratização. Brasília, agosto de 1991 (texto xerocado).
- FADUL, Anamaria (Org.) **Novas Tecnologias de Comunicação: impactos políticos, culturais e sócio-econômicos**. Summus, São Paulo, 1986.

- GUTIERRES, Ester V. B. **Negros, Charqueadas e Olarias. Um estudo sobre o espaço pelotense.** Editora da UFPel, Pelotas, 1993.
- HAUSSEN, Doris Fagundes (Org.). **Sistemas de Comunicação e América Latina.** Edipucrs, Porto Alegre, 1993.
- IANNI, Octávio. **A Idéia do Brasil Moderno.** Brasiliense, São Paulo, 1992.
- LULL, James. **A China ligada: televisão, reforma e resistência.** Rio Fundo Ed., Rio de Janeiro, 1992.
- MAESTRI Fº, Mário José. **A Charqueada e a Gênese do Escravismo Gaúcho.** Editora da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 1994.
- MAGALHÃES, Mário Osório. **História e Tradições da Cidade de Pelotas.** 2ª ed., Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 1981.
- ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira.** Brasiliense, São Paulo, 1988.
- OSÓRIO, Fernando Luis. **A Cidade de Pelotas.** Editora Globo, Porto Alegre, 1992.
- RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros.** Livro 1. Teoria do Brasil. Vozes, Rio de Janeiro, 1980.
- SAPERAS, Enric. **La Sociología de la comunicación de masas en los Estados Unidos.** PPV, Barcelona/Espanha, 1992.
- SIQUEIRA, Ethevaldo. **A Sociedade Inteligente.** Bandeirante, São Paulo, 1987.
- TOFFLER, Alvin. **O Choque do Futuro.** Record, Rio de Janeiro, 1970.
- TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda.** 18ª ed., Record, Rio de Janeiro, 1992.

VALÉRIO BRITTO

Prof. UCPel e mestrando em Comunicação Social - PUCRS